

OPINIÃO

A universidade crítica está morrendo?

Fotos: REGINA VOGT



Diorge Konrad, 44 anos, professor do departamento de História, CCSH.

“A universidade quando foi criada, não era crítica por excelência. Se tornou crítica quando o Iluminismo, e o projeto burguês de mundo se torna revolucionário. Depois disso, ela (universidade) teve, ao longo do tempo, momentos de mais ou menos criticidade,

enquanto que, em outros contextos, foi essencialmente conservadora. Mas, dizer que a universidade crítica está morrendo é um exagero. A universidade não tem o papel de mudar o mundo por si. Quem muda o mundo são as classes sociais, quando a universidade, parafraseado (Karl) Marx, tem que passar de crítica para fazer a crítica da crítica crítica. Isto é, ser parte do processo de transformação como um todo. Porém, mesmo diante da crise atual, sempre há locais de resistência dentro da universidade”.

Carlos Pires, 58 anos, professor do departamento de Geociências, CCNE.

“A tese da "morte da crítica" na universidade é verdadeira. A universidade tem sido estimulada a sair de cena. Ela tornou-se um espaço de competição e disputa, principalmente por financiamentos para pesquisa”.



Maristela Souza, 38 anos, professora do departamento de Desportos Individuais, CEFD.

“Há dois projetos conflitantes no interior da universidade. Um que expressa a sociedade conservadora e outro que expressa uma sociedade crítica. Atualmente, a universidade vive um momento acrítico. A lógica que impera é a do individualismo. A forma como os

acadêmicos recebem o conhecimento é passivo e acrítico. A produção de conhecimento é feita para satisfazer o mercado. Mas, vejo que devemos lutar e nunca desistir da universidade crítica”.

Oscar Daniel Morales, 58 anos, professor do departamento de Música, CAL.

“A universidade crítica não está morrendo. Um dos papéis da universidade é trabalhar e refletir sobre as mudanças que estão ocorrendo. A universidade precisa também se adaptar ao que a sociedade pensa e acompanhar as mudanças. Se não mantivermos a crítica, não temos chances de mudança. Em alguns momentos nos acomodamos, mas a universidade nunca pode deixar de ser crítica”.



Mobilização em defesa do Sindicato reúne mais de 2.500 pessoas em Brasília

Fotos: Arquivo/ANDES-SN

Apesar da forte chuva que caía sobre Brasília, mais de 2,5 mil pessoas participaram do Ato Público em Defesa da Liberdade de Organização e Autonomia Sindical, e pelo regularização imediata do registro sindical do ANDES-SN, no último dia 11 de novembro. A atividade fez parte da Jornada de Lutas em Defesa do Sindicato Nacional, aprovada no III Congresso Extraordinário, ocorrido também na capital federal, de 19 a 21 de setembro. “A participação superou todas as nossas expectativas. Nós calculávamos algo em torno de mil, mil e quinhentas pessoas. O resultado foi surpreendente e mostra o peso do ANDES-SN”, afirmou Luiz Henrique Schuch, da comissão organizadora.

Membro da Coordenação Nacional da Conlutas, José Maria Almeida afirmou que entre 80 e 100 entidades participaram do protesto, que começou às 9 h, em frente ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão – MP, e se deslocou até o Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, colorindo a Esplanada com guarda-chuvas estampados, cartazes e faixas de protesto. Trabalhadores do campo e da cidade, estudantes, representantes de movimentos sociais diversos disseram não à criminalização da pobreza, às fundações estatais de direito privado, ao imposto sindical obrigatório para os servidores públicos e à farsa da CUT/Proifés que tenta tomar para si a representação dos docentes do ensino público superior.

Antes mesmo do fim do protesto, os manifes-



Ato público em defesa da organização sindical, dia 11 de novembro, em Brasília

tantes já comemoravam pelo menos três conquistas: as audiências com o ministro do Trabalho, Carlos Lupi, com a coordenadora-geral de Carreiras da Secretaria de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento - MP, Maria Lúcia Felix Silva, além de dois assessores, e o estabelecimento de uma Frente Parlamentar em Defesa da Liberdade Sindical. Para o presidente do ANDES-SN, Ciro Correia, as reuniões foram conquistas da militância aguerrida que, mesmo com as condições climáticas desfavoráveis, não se furtou à luta em defesa da liberdade de organização sindical.

Do Rio Grande do Sul partiu um ônibus, no dia 9 de novembro, com integrantes do movimento sindical, movimentos sociais e do movimento estudantil, para participar do ato em Brasília. A SEDUFSM teve três professores participando do ato público: Hugo Blois Filho, Maristela Souza e Adriano Figueiró.

Avanços e recuos no MTE



Ciro Correia expõe argumentos do sindicato com Medeiros

Entretanto, no encontro do dia 19, o avanço que se imaginava, não foi alcançado.

Um encontro marcado por várias interrupções, com os interlocutores do governo sendo chamados várias vezes pelo ministro do Trabalho, Carlos Lupi. Em um dos diálogos com a assessora do secretário de Relações do Trabalho, Luiz Medeiros, a servidora Zilmara Alencar expressou as dificuldades que o MTE enfrentaria caso viesse a republicar o registro do ANDES sem considerar os registros sindicais deferidos pelo Ministério após a suspensão do registro do ANDES-SN em 2003 e, que, para tanto, seria necessário um levantamento por parte da SRT de todas as entidades com registro concedidos que contemplassem a representação de professores do terceiro grau.

Já o posicionamento do secretário Medeiros foi no sentido de que após ser feito o levantamento sobre os conflitos existentes em termos de representação, o que o ministério poderia fazer era formalizar uma proposta que restringisse a suspensão do registro do ANDES às entidades autoras das impugnações de 2003 e que contemplasse a situação criada pela concessão de registros sindicais pelo MTE após aquela data. O tema deverá voltar à discussão em breve.